

O ENSAIO JORNALÍSTICO E A REPRESENTAÇÃO DA IDEOLOGIA

*Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade**

RESUMO: *Partindo do ensaio de Roberto Pompeu de Toledo, intitulado "Candidato em transe" e publicado na Revista Veja, pretendemos analisar como as escolhas lexicais feitas pelo enunciador refletem a ideologia e a função que esse gênero discursivo exerce na mídia impressa. Embora publicado em revista de grande circulação nacional que objetiva informação, divulgação e entretenimento, o ensaio continua revelando rigor lógico e coerência de argumentação e, por isso mesmo, exige grande conhecimento cultural e certa maturidade intelectual não só por parte do enunciador (escritor), mas também do co-enunciador (leitor).*

PALAVRAS-CHAVE: *análise do discurso; sociedade; cognição social; ideologia.*

Considerações iniciais

Partindo do ensaio de Roberto Pompeu de Toledo, intitulado "Candidato em transe" e publicado na *Revista Veja* em 28 de julho de 2004, pretendemos analisar como as escolhas lexicais feitas pelo enunciador refletem a ideologia e a função que esse gênero discursivo exerce na mídia impressa. É sabido que o ensaio – embora publicado em revista de grande circulação nacional que objetiva informação, divulgação e entretenimento – continua revelando rigor lógico e coerência de argumentação e, por isso mesmo, exige grande conhecimento cultural e certa maturidade intelectual não só

* Universidade de São Paulo - USP.



por parte do enunciador (escritor), mas também do co-enunciador (leitor). Com base nos trabalhos de Van Dijk, refletiremos em que medida o uso da linguagem – como prática social – é marcado, expressa opiniões com fundamentos ideológicos e como esses fundamentos se reproduzem em nossa sociedade, instaurando um conhecimento partilhado entre os leitores. Segundo Van Dijk, “as ideologias são consideradas crenças básicas compartilhadas por grupos e é preciso localizá-las no que se define como memória social, juntamente com o conhecimento e atitudes sociais dos membros de determinado grupo” (1999: 10). É interessante registrar também definições de ideologia historiográficas como, por exemplo, a de Duby (1979) que aponta (dentre cinco) três características básicas: inicialmente nasce enquanto uma utopia de um grupo que propõe mudanças sociais; se posta em prática com sucesso, ela foi, nesse momento, revolucionária. Como representante de um grupo que chegou ao poder, transforma-se em estabilizadora e reacionária, pois pretende manter a realidade que conquistou. O texto de nosso ensaísta revela uma personagem política que pertence a uma facção anacrônica do grupo hegemônico (Gramsci, 1974), tentando se reintroduzir no poder e utilizando-se de um discurso empedernido.

1. Ensaio e interação social

No meio acadêmico, o ensaio é definido por Salvador (1971)¹ “como um estudo bem desenvolvido, formal, discursivo e conclusivo”. Deve apresentar exposição lógica, reflexão, argumentação rigorosa com alto nível de interpretação e julgamento pessoal. Segundo Severino (2000: 153), “no ensaio há maior liberdade por parte do autor, no sentido de defender determinada posição sem que te-

¹ Salvador, Angelo D. *Metodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina, 1971, p. 163, apud Severino (1986).

nha de se apoiar no rigoroso e objetivo aparato de documentação empírica e bibliográfica”, como acontece nos artigos científicos, nas dissertações e teses. Ainda segundo o autor, os grandes pensadores preferem essa forma de trabalho para apresentar suas idéias científicas ou filosóficas.

Como já se disse anteriormente, o ensaio manifesta articulação lógica e coerência de argumentação, exigindo conhecimento cultural e certa maturidade intelectual não só por parte de seu enunciador (escritor), mas também do co-enunciador² (leitor), ainda que este texto seja publicado em revista de grande circulação nacional.

Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), o clássico autor de *Ensaíos*, trata em sua obra de assuntos diversos: amizade, virtude, sociedade. Seus textos são, provavelmente, autênticos documentos da civilização ocidental, revelando a importância de o ser humano encontrar o caminho da verdade, da justiça, sem esquecer a relatividade das coisas humanas.

Na visão de Huisman (2000:179), a obra do pensador francês é “ondulante e diversa”. Constitui-se de reflexões e comentários sobre os vários fatos da história passada e presente. Acima de tudo, o assunto de *Ensaíos* é a insatisfação do enunciador com o seu tempo, bem como uma reflexão sobre a morte; entretanto, camuflada a toda essas questões, o autor descreve a si mesmo: “O que descrevo sou eu mesmo. Eu sou a matéria de meu livro”. Vejamos mais de perto as palavras de Huisman sobre o ensaísta:

Montaigne é um ser móvel como a sua obra; dá-se à digressão, utiliza a metáfora, passeia o pensamento através dos me-

² Adotamos a terminologia empregada por Maingueneau (2001: 54) e proposta anteriormente por Antoine Culioli: enunciador (parceiro 1)/co-enunciador (parceiro 2) e coenunciadores (sem hífen) para designar os dois parceiros do discurso, dado que a enunciação não caminha em mão única, ela não é exclusivamente a expressão de um locutor que se dirige a um alocutário passivo, mas é uma atividade interacional, dialógica.

andros das frases. No entanto, essa liberdade não deixa de dissimular um rigor e uma articulação premeditada. Fiel à filosofia antiga de Sêneca e de Plotino, Montaigne representa o pensamento de seu século. Moderado, partidário do meio-termo, ele é um diletante refinado e mundano. Adepto da felicidade terrestre, simboliza o honnête homme por excelência (p.180).

Em relação aos ensaios publicados na *Veja*, verificamos que eles estão fielmente sempre na última página da revista e que seu autor, o jornalista Roberto Pompeu de Toledo, além de manter essa coluna semanal, também faz parte do grupo de editores especiais. Eventualmente, realiza alguma reportagem ou resenha um livro. Importa dizer ainda que, no final de 2003, o autor lançou o livro *A Capital da Solidão: uma história de São Paulo das origens a 1900*,³ revelando mais uma vez sua erudição e veia literária que se constata nos ensaios semanais. Dentre suas resenhas, pode-se destacar "Retratos do Brasil"⁴ sobre a obra do historiador mineiro José Carlos Reis⁵ que, nas palavras do jornalista, elabora:

(...), com domínio da matéria e de forma muito bem organizada um repasse do pensamento desses oito expoentes [Francisco Adolfo de Varnhagem e Capistrano de Abreu, Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda, Néelson Werneck Sodré, Caio Prado Jr., Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso] e da História e da ciência política/social do Brasil. Como viram eles o passado e o presente do Brasil, cada um condicionado por seu tempo e pelos instrumentos de que dispunha? Como vislumbraram o futuro? Essas as perguntas que norteiam Reis. Das respostas surge um interessante pai-

³ Obra publicada pela Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 558pp.

⁴ Resenha publicada em 11 de agosto de 1999., p.136-137.

⁵ intitulada *As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Editora da Fundação Getúlio Vargas.

nel em que uma teoria se contrapõe a outra, ou a completa, ou engole a outra. Ou, como que o autor, surge uma visão poliédrica do país. O Brasil, por essa lente, estica e encolhe, muda e não muda, revoluciona-se e permanece o mesmo (p. 126)

Após a leitura desse trecho, podemos dizer que o enunciador inicia a resenha apresentando o elenco de estudiosos que terão suas idéias discutidas na obra publicada, mas para mostrar ao leitor como o autor do livro resenhado repassa o pensamento desses pesquisadores, o enunciador faz uso de perguntas retóricas: “Como viram eles o passado e o presente do Brasil, cada um condicionado por seu tempo e pelos instrumentos de que dispunha? Como vislumbraram o futuro?” – para depois dizer que as respostas constituem um painel revelador do pensamento sobre o Brasil:

As Identidades do Brasil é um livro de variados méritos. Oferece um panorama amplo e bem elaborado da maneira como o Brasil foi pensado por algumas das melhores cabeças que se dedicaram a fazê-lo. Caso o leitor esteja mais interessado na política atual, porém, que vá direto ao último capítulo. Terá a surpresa de constatar que o governo Fernando Henrique já estava embutido nas teorias do sociólogo Fernando Henrique. Escreve Reis, sintetizando-lhe o pensamento: “O desenvolvimento capitalista depende de grande volume de capitais e de tecnologia avançada – os que detêm tais riquezas e recursos deverão ser atraídos para o mercado interno, deverão ser estimulados a investir na América Latina e não desestimulados ou até expulsos”. Ao contrário do que Fernando Henrique disse um dia ou do que dizem que ele disse, não se deve esquecer o que escreveu” (p. 137)

Por meio da enunciação constituída nos trabalhos de Roberto Pompeu de Toledo, percebemos que, tanto na resenha, quanto no ensaio sob análise as estratégias de construção do discurso (cita-

ções, escolhas lexicais, paralelismos, perguntas retóricas, inserções, marcadores argumentativos, entre outras) visam a transmitir as opiniões do enunciador a respeito do tema em pauta e a estabelecer uma aproximação mais efetiva com o leitor, buscando envolvê-lo e criando maior cumplicidade para que ele também seja seu co-enunciador. Na verdade, os textos revelam e desvelam um enunciador que, talvez na trilha de Montaigne, sintam-se insatisfeito com o seu tempo, com a sociedade em que vive e busque por meio da reflexão dividir com seu leitor suas dúvidas, anseios e preocupações.

2. Escolhas lexicais e representação da ideologia

Segundo Van Dijk (1999: 5-7), as ideologias são definidas como crenças fundamentais de um grupo e de seus membros. Pelo fato de constituir-se por sistemas de idéias de grupos sociais e movimentos, as ideologias não apenas dão sentido ao mundo (desde o ponto de vista do grupo), como também proporcionam o fundamento das práticas sociais dos membros de cada grupo. Frequentemente, as ideologias surgem da luta e do conflito de um grupo, estabelecendo a oposição entre **Nós** e **Eles**.

Uma das práticas sociais mais importantes que as ideologias determinam é o uso da linguagem e do discurso. Estes, por sua vez, também influenciam a forma de adquirir, aprender ou mesmo modificar as ideologias. De modo geral, nosso discurso – especialmente quando falamos como membros de um grupo – expressa opiniões com fundamento ideológico. Assim, pode-se afirmar que o ensaio sob análise revela a opinião do enunciador (jornalista) sobre a figura política do então candidato à prefeitura de São Paulo: Paulo Maluf.

Ainda na visão do referido lingüista, o quadro teórico dos estudos sobre ideologia precisa ser multidisciplinar, já que os conceitos de ideologia e discurso não podem ser tratados de modo adequado apenas em uma disciplina: exigem uma análise em todas as dis-

ciplinas das humanidades. Entretanto, o autor trata esse grande número potencial de disciplinas em três grupos: estudos do **discurso** (aspectos relacionados ao uso da linguagem, interação, comunicação), **cognição** (aspectos mentais das ideologias, como natureza das idéias e crenças, suas relações com as opiniões e o conhecimento) e **sociedade** (os aspectos históricos, sociais, políticos e culturais, sua natureza baseada no grupo e seu papel na reprodução ou na resistência ao domínio).

Assim, devemos entender as ideologias como “crenças compartilhadas socialmente e associadas às propriedades características de um grupo, como a identidade, a posição na sociedade, os interesses e os objetivos, as relações com outros grupos, a reprodução e o meio natural” (p. 8).

As representações semânticas que definem o “significado” do discurso são apenas uma pequena seleção da informação representada no modelo que se usa na composição do discurso. O enunciador e o co-enunciador devem compartilhar o mesmo fundamento comum na medida em que constroem e compreendem o discurso, criando efeitos de sentido que revelam a intencionalidade e a aceitabilidade comunicativas.

Nessa perspectiva, os modelos contextuais funcionam como uma espécie de mecanismo de controle geral no processo de construção discursiva. Seguem a pista de nossas intenções e objetivos, informam-nos aquilo que o interlocutor já sabe, as relações sociais atuais entre os participantes, onde nos encontramos, o tempo e a situação social atual, etc. Por exemplo, um ensaio na página final de uma revista de circulação nacional, um editorial na segunda página de um jornal, uma crônica na seção de esportes, um caderno de entretenimento numa revista semanal, etc.

Essas categorias são necessárias na medida em que nos orientam em relação ao discurso e situam-nos adequadamente no ato comunicativo. A adaptação discursiva revela ainda a capacidade do enunciador de construir seu discurso, selecionando um estilo que

se enquadre ao contexto comunicativo. Será mais ou menos formal, escolherá uma palavra ao invés de outra, em função de onde ou com quem fala e quais são suas intenções no jogo interacional.

As ideologias dos meios de comunicação perpassam os textos de modo geral: as manchetes, os editoriais, os artigos de fundo, as crônicas, os ensaios. Segundo Van Dijk, “as ideologias não somente controlam o que dizemos ou escrevemos, mas também o modo como fazemos” (p.20). Enquanto membro de um grupo social, o jornalista manifesta suas ideologias concretas nas ações e nas interpretações, ou seja, na medida em que elabora seu discurso, faz escolhas lingüísticas que revelam, em sua prática social, sua visão de mundo ou sua opinião sobre o tema em foco.

A ideologia das notícias não se limita apenas ao conteúdo e ao estilo dos textos, também inclui a captação das notícias, as fontes de informação, a interação entre os jornalistas e demais profissionais de imprensa, a organização das atividades dos jornalistas. As ideologias profissionais e sociais dos jornalistas controlam quem será investigado, analisado, entrevistado. Portanto, as diversas atividades que definem as notícias e a realização de um jornal diário ou de uma revista semanal se baseiam nas ideologias dos atores sociais que participam como membros de grupos sociais diversos.

Em termos lingüísticos, é mais fácil encontrar influências da ideologia no significado semântico e no estilo de um discurso do que na morfologia (formação de palavras) e certos aspectos da sintaxe (formação de orações), porque estas últimas dependem muito menos do contexto. As escolhas lexicais que um autor faz para caracterizar uma personagem em seu texto revelam uma opção que está diretamente relacionada com sua opinião, que é dependente de sua posição ideológica e das atitudes relativas ao grupo que representa. Assim, no ensaio escolhido para análise, verificamos que o jornalista elabora um texto que busca traçar um perfil de Paulo Maluf, candidato à prefeitura da cidade de São Paulo, no primeiro turno das eleições de 2004.

3. Análise do ensaio

Para compor o perfil do candidato, o enunciador introduz o ensaio por meio de uma cena vivenciada por essa personagem: “Aparece-lhe um camelô pela frente”. A seguir, desenha-o a partir de sua fala e, para isso, faz uso do discurso reportado, ou seja, emprega a citação direta: “Não se preocupe seu ponto será mantido”; “Diante de um motoboy: ‘É um absurdo a taxa de licenciamento que lhe cobram’”.(1º.parágrafo). Mais adiante emprega o discurso indireto – “Outro dia, disse que se fosse cientista teria descoberto a cura do câncer...” – para esboçar os traços de sua personagem.

Em alguns trechos do texto, emprega o paralelismo para enfatizar as ações repetidas ou, já conhecidas pelo leitor e eleitor paulistano, que caracterizam a personagem delineada: “Ei-lo de novo em campanha... Ei-lo solto pelas ruas...(1º. parágrafo) ...ei-lo, passo firme e nariz empinado, cavaleiro sem medo e sem recato... (6º. parágrafo)”. Ou ainda no segmento: “tais são seus poderes e talentos, tais as alturas a que foi destinado pela fortuna (destino, fado, sorte; haveres, riqueza)

No que se refere às escolhas lexicais, o enunciador faz uso de adjetivos, que revelam a perspicácia do escritor, por ter selecionado com precisão as palavras que compõem a imagem do candidato: *o inesgotável* (que não se pode esgotar), *o inefável* (que não se pode exprimir por palavras, indizível), *o notório* (conhecido de todos; público), *o persistente* (que persiste; pertinaz, constate), *o inacreditável* (que não é acreditável; incrível). Outras características são assinadas por verbos no gerúndio, instaurando o efeito de sentido das ações constantemente praticadas pelo candidato e que continuavam a marcar a sua maneira de agir: “prometendo, exibindo-se, jactando-se (ter jactância, gabar-se, gloriar-se, ufanar-se), dizendo que faz e acontece”.

Em outros momentos, o enunciador usa expressões para delinear as ações da personagem, como ocorre em: “Nosso personagem

se mete então num frenesi com nítidas características de *fuga para diante* – acelerar o ritmo, jamais recuar, não dar a impressão de sofrer algum constrangimento, jamais dar o braço a torcer”. Ao explicar o que significa a expressão “fuga para diante” (usada três vezes), o autor emprega verbos no infinitivo, paralelismo e formas populares de linguagem (dar o braço a torcer). Há também o uso de participio passado para caracterizar a personagem: incontido, acelerado, desprendido; língua treinada; talento desviado.

Entretanto, a escolha mais significativa e que mais chama a atenção do leitor é a criação de neologismos com o nome do candidato. Alguns desses neologismos já são conhecidos do eleitor paulistano, como por exemplo: *malufar* (Maluf + ar:= agir como Maluf), *malufices* (Maluf+ice= ato ou dito de Maluf), *malufagem* (Maluf+agem = qualidade, ato, dito, modos ou vida de Maluf). Outros são criações do enunciador e trazem efeitos significativos para o texto: *malufandragem* (talvez de Maluf + [mal]andragem); *malufilia* (Maluf + filia = afinidade, amor, afeição por); *malufiquises* (talvez de Maluf +ises sufixo usado para termos médicos), *malufunchuras* (talvez de Malu + uncho+ura = resultado de ação ou estado de), *malufumalorismo* (talvez de Maluf+mal+or+ismo = sistema, modo de proceder)

Cabe ainda destacar que o enunciador procura, por meio do texto, “alinhar” - como ele mesmo diz no último parágrafo - os principais traços que compõem a figura do candidato, que representa o político populista, carismático e autoritário, que continua tendo um discurso empedernido e uma maneira de agir oposta a ideologia do enunciador e de uma parte significativa de eleitores paulistanos. O enunciador busca compartilhar com esse (e)leitor, mas sem deixar os demais leitores de fora: “Os leitores de outras cidades não sabem o que estão perdendo. Maluf em campanha é sempre um espetáculo raro”. Com esse enunciado irônico, o enunciador visa a destacar que o político representa outro grupo ideológico, distinto

do seu (enunciador) e de seus co-enunciadores (leitores de todo o Brasil e, em particular, da cidade de São Paulo)

O político Paulo Maluf é caracterizado como um personagem que busca representar uma possibilidade de mudança no cenário político nacional, mas carrega as marcas da “repressão” e do governo autoritário de que fez parte; é um indivíduo reacionário e que agora, fora do poder, tenta disfarçar a imagem de político ultrapassado e visa voltar novamente ao poder.

Na visão de DUBY (1979: 130), é em função da “imagem que constroem e que nunca fornece o reflexo fiel, que os homens pautam a sua conduta. Eles se esforçam para conciliá-la com modelos de comportamento que são o produto de uma cultura e que mais ou menos se ajustam, no decorrer da história, às realidades materiais”.

Recentemente, a Revista *Galileu* publicou a reportagem “A força de um líder”, na seção de política (p.61-63), buscando revelar aos leitores que enquanto o país se prepara para as eleições municipais, algumas sociedades escolhem seus líderes de outras formas, para tanto apresenta como são feitas essas escolhas em tribos indígenas ou africanas ou mesmo em sociedades comandadas por líderes religiosos. Ao final da matéria, apresenta uma definição dos principais tipos de líderes elaborada por Vera Chaia, professora de política, do Departamento de Ciência Política da PUC/SP e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Arte, Mídia e Política, da mesma universidade. Ao lermos essas definições, constatamos que quase todas servem para caracterizar nosso personagem em foco:

Figurinhas conhecidas

Esta lista identifica os mais conhecidos estilos de liderança, mas deve ser considerada uma tipologia livre, sujeita a diferentes opiniões. “Os políticos podem misturar características de estilos diferentes”, alerta a professora de política Vera Chaia.

Carismático - Nessa categoria entram os líderes religiosos, como o Aiatolá Khamenei, líder supremo do Irã. É típico de sociedades de castas.

Populista - Deve suprir algumas aspirações do povo, para que este esteja sempre satisfeito e sob controle. Alguns estudiosos, como a cientista política Maria do Socorro Braga, interpretam como um estilo que apresenta políticas não factíveis, difíceis de realizarem-se. Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek são exemplos.

Tecnocrata - Com grande conhecimento da máquina pública, detêm grande controle do seu governo. Geralmente têm formação em engenharia ou economia, e dedicam-se ao planejamento. Delfim Neto e os governos de JK e Ernesto Geisel seguiam esse estilo.

Clientelista - Procura atender a interesses de um grupo. "Esse político faz do poder público uma ferramenta da vida privada", explica o doutor em sociologia Rogério Baptistini Mendes. O PFL nordestino, por exemplo, é freqüentemente acusado por seus opositores de atender às demandas políticas das oligarquias locais.

Autoritário - Propõe medidas radicais, que procuram resolver os problemas pela força. Têm este perfil o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi, Enéas Carneiro e Fernando Collor.

Nosso personagem político pode ser definido como carismático, já que se apresenta como alguém que tem magnetismo pessoal, isto é, individualidade notória. É também caracterizado como populista, que busca contentar algumas das necessidades do povo, mas ao mesmo tempo é um tecnocrata, conhecedor do funcionamento da máquina pública e clientelista, na medida em que visa a atender interesses de oligarquias. Também é autoritário, pois busca sempre

resolver os problemas pela força, como é o caso da violência em São Paulo e a decisão de “colocar a Rota nas ruas de São Paulo”.

Considerações Finais

Após a análise apresentada, acreditamos que o ensaio de autoria do jornalista Roberto Pompeu de Toledo cria, por meio das estratégias apontadas, um efeito de sentido de ironia em relação ao personagem analisado, na medida em que esboça um perfil desse indivíduo, apontando seus traços mais significativos e revelando uma personalidade polêmica de nossa política. Seu ensaio é o produto de uma interação social que reflete não só o pensamento de uma comunidade, seu contexto sócio-histórico-ideológico, mas acima de tudo deixa transparecer de modo elegante e particular o seu processo de produção. Assim, podemos nos valer das palavras de Brait (1993: 200), para quem a interação funda-se “no olhar avaliativo” daqueles que participam dessa atividade; no que se refere à escrita, o enunciador precisa ser hábil para poder atingir seu enunciatário, já que este desempenha um papel social e discursivo bastante significativo (Kerbrat-Orecchoni, 1990:89) na construção textual.

ABSTRACT: *In this paper, we discuss as the lexical choices done by the writer the ideology and the function that discourse exercises in the media printed. Although published in magazine of great national circulation, that it aims attn information and entertainment, the essay shows logical rigidity and argument coherence and, therefore, it demands great cultural knowledge and certain intellectual maturity not only on the part of the writer, but also of the reader.*

KEY WORDS: *discourse analysis; society; social cognition; ideology.*

Anexo: Candidato em transe

Roberto Pompeu de Toledo - Ensaio

MALUF FAZ CAMPANHA EM QUE AS MALUFADAS SE SUPERAM EM MALUFICES COM ALTO GRAU DE MALUFAGEM

Aparece-lhe um camelô pela frente: “Não se preocupe, seu ponto será mantido”. Diante de um motoboy: “É um absurdo a taxa de licenciamento que lhe cobram”. Agora são desempregados que se apresentam: “Tenho muitos amigos empresários, vou lhes encaminhar o currículo”. Ei-lo de novo em campanha, o inesgotável, o inefável, o notório, o persistente, o inacreditável Paulo Maluf. Ei-lo solto pelas ruas de São Paulo, prometendo, exibindo-se, jactando-se, dizendo que faz e acontece. Outro dia, disse que se fosse cientista teria descoberto a cura do câncer, tais são seus poderes e talentos, tais as alturas a que foi destinado pela fortuna.

Os leitores de outras cidades não sabem o que estão perdendo. Maluf em campanha é sempre espetáculo raro. Numa delas, soltou o famoso “estupra, mas não mata”. Noutra, pediu que jamais voltassem a votar nele, caso o candidato que patrocinava viesse a decepcionar. O candidato (o pupilo Celso Pitta) decepcionou, e ele revogou o apelo. Na atual campanha, em que é de novo candidato a prefeito de São Paulo, ele se supera. Surgiu na pele de um Maluf mais Maluf ainda, carregado de renovadas malufices, incansável nas lidas do malufar, imbatível nas artes da malufagem.

Esta campanha vem em seguida a meses de denúncias dos milhões de dólares que, em nome dele ou de familiares, estariam aninhados em bancos do exterior. Nosso personagem se mete então num frenesi com nítidas características de fuga para diante – acelerar o ritmo, jamais recuar, não dar a impressão de sofrer algum

constrangimento, jamais dar o braço a torcer. Para bem pôr em prática tal estratégia, apresenta-se como um Maluf mais dono de si do que nunca, escandalosamente extrovertido, absurdamente à vontade. De vez em quando, na rua, entre uma promessa e outra, uma jactância e outra, alguém grita: “Ladrão!, larápiao!, e o dinheiro, hein?!” Não é com ele. Apruma-se e foge para diante. Numa ocasião, uma eleitora perguntou-lhe candidamente qual seria o slogan de sua campanha, e quando ele respondeu (“O bom prefeito está de volta”, ou algo assim) a eleitora comentou: “Ah, pensei que fosse ‘Rouba mas faz’”. Cara impassível e fuga para diante.

O Maluf que se apresenta na atual campanha aprimorou as velhas artimanhas. Por exemplo, a de não responder ao que lhe perguntam, tergiversar, falar, falar, falar, sem dar brecha ao interlocutor. No programa *Roda Viva*, da TV Cultura de São Paulo, perguntaram-lhe se, a seu ver, os papéis que vieram das autoridades da Suíça eram falsos. Desde que vive negando o que dizem esses papéis, a conclusão era apenas lógica. Reação de Maluf: “É você que está dizendo isso”. E repete, enfático: “É você que está dizendo isso”. E escapa, e envereda por outro assunto, e dispara a torrente de palavras, nem sempre compromissadas umas com o sentido das outras, com que constrói um muro verbal de contenção do adversário, no tom de voz anasalado, as sílabas minuciosamente escandidas, que por sua vez se constitui numa barragem de antimísseis contra o avanço inimigo.

No caso, era evidente que quem estava “dizendo isso” era o perguntador. Mas quem deveria dizê-lo era ele mesmo. Se foi acusado injustamente, como alega, num papel vindo de fonte suíça, devia dizer que é falso. O escritor Gilberto de Mello Kujawski, em artigo no *O Estado de S. Paulo*, chamou de “francamente escandalosos” os expedientes de malufandragem explícita exibidos no *Roda Viva*. O vídeo merecia ser estudado por juntas de médicos, psicólogos, antropólogos, filósofos e lingüistas, entre outros especialistas. Contém

preciosa evidência das extravagâncias a que pode chegar o bicho homem.

Mas o melhor ainda estava por vir. Dias depois, de novo em fuga para diante, ei-lo, passo firme e nariz empinado, cavaleiro sem medo e sem recato, a avançar dentro de um hospital, corredor após corredor, incontido, acelerado... até dar com a porta da UTI – e ultrapassá-la, vitorioso, ele e uma comitiva de assessores e cupinchas, mais os jornalistas em serviço. Agora, circulava entre pacientes entubados, no espaço onde não se pode entrar, muito menos sem prévios cuidados, mas que é isso para um ás das malufiquises? “Maluf, mata os bandidos”, balbuciou um dos pacientes, vítima de assalto a mão armada. “Com Maluf na prefeitura, a Rota vai para as ruas”, respondeu o campeão das malufunchuras.

Rota, divisão da polícia paulista com reputação de truculência bem a gosto da malufilia, está no âmbito do Estado, não da prefeitura – mas quem é Maluf para se preocupar com tais filigranas? Também não enfatizemos a desgraçada coincidência de o homem ter morrido no dia seguinte. Importante a notar, de tudo aqui alinhavado, é o Maluf de tirar o fôlego que se reapresenta ao eleitorado, um Maluf que se supera em super-Maluf, desprendido, língua treinada nas mágicas de dizer e não dizer, talento desviado da cura do câncer para a consagração como desbravador de UTIs. O homem é isso, e tudo o mais que o malufumalismo permite alcançar.

BIBLIOGRAFIA

- BRAIT, B. (1993) O processo interacional. In: Dino Preti (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanistas, FFLCH/USP, Projetos Paralelos, vol. 1, p. 189-213.
- DUBY, G. (1979). História social e ideologias das sociedades. In: Jaques Lê Goff e Pierre Nora. *História: novos problemas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 130-145.
- GRAMSCI, A. (1974). *Obras escolhidas*. Lisboa: Estampa.
- HUISMAN, D. (2000) *Dicionário de obras filosóficas*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1990) *Les interactions verbales*. Paris: Armand Colin. vol. 1.
- MAINGUENEAU, D. (2001) *Análise de textos de comunicação*. Trad. de M. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez.
- MONTAIGNE, M. de (1580, 1588) *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural. Coleção Os Pensadores, 1972.
- SEVERINO, A. J. (2000). *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. rev. E ampl. São Paulo: Cortez
- VAN DIJK, T. A. (2003) *Ideología y Discurso: una Introducción multidisciplinaria*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra, texto retirado da internet (em 10 de outubro de 2004), 43pp.

Fontes

- Revista *Veja*. São Paulo: Abril. Edição 1610, ano 32, n°. 32, 11 de agosto de 1999, p. 136-7.
- Revista *Veja*. São Paulo: Abril. Edição 1864, ano 37, n°. 30, 28 de julho de 2004, p. 114.
- Revista *Galileu*. Rio de Janeiro: Globo, n°. 159, outubro de 2004, p. 61-63.